



GT: 28 - Partidos e Sistemas Partidários

Eleitores Partidários: Quem são e o que promove e sustenta a identidade.

Prof^a. Dr^a. Luciana Fernandes Veiga - UFPR¹

Prof. Dr. Nelson Rosário de Souza - UFPR

Sandra Avi dos Santos - UFPR

¹Luciana Fernandes Veiga e Nelson Rosário de Souza são professores do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná. Sandra Avi dos Santos é bolsista de iniciação científica CNPq/PIBIC.

Eleitores Partidários: Quem são e o que promove e sustenta a identidade.²

Luciana Fernandes Veiga, Nelson Rosário de Souza, Sandra Avi dos Santos.

Apresentação

Iniciamos essa análise estabelecendo uma concordância com Dalton e Wattenberg (2002), para quem os eleitores precisam de uma *âncora política*, que os impeçam de serem levados por ondas promovidas por líderes demagógicos ou movimentos extremistas. Nesse sentido, os partidos devem criar identificação política a fim de proporcionar um comportamento mais estável entre os eleitores e no sistema democrático.

Criar símbolos, canais de identificação e fidelidade a fim de simplificar as escolhas é uma das principais funções das legendas junto aos eleitores (KEY,1964). Mas nos parece, considerando o que os dados apontam, que os partidos não vêm cumprindo satisfatoriamente esse papel. Veiga (2007), em estudo sobre as mudanças e continuidades da imagem dos partidos perante os eleitores, mostrou que, entre 2002 e 2006, 11% dos eleitores perderam sua identidade partidária no Brasil. Em apenas quatro anos, que coincidem com o primeiro mandato do Governo Lula, 11% do eleitorado deixaram de ter um partido com o qual se identificavam, (vide tabela 1). A maior perda foi do PT, que chegou em 2006 com a sua taxa de identificação reduzida de 23% para 18%, conforme podemos verificar na tabela 2.

Tabela 1 – Identidade partidária

	2002	2006
Não	56%	67%
Sim	39%	28%
Não sabe	4%	4%
Não respondeu	1%	1%
Total	100%	100%

Fonte: Revista Opinião Pública (2007)

² Essa comunicação é um relatório parcial da pesquisa Eleitores Partidários no Brasil.

Tabela 2 – Partido com o qual se tem identidade

<i>Partidos</i>	<i>2002</i>	<i>2006</i>
PT	23%	18%
PMDB	4%	4%
PFL/DEM	2%	1%
PSDB	4%	4%
Outros	6%	1%

Fonte: Revista Opinião Pública (2007)

Assim, diante da percepção da importância da identidade partidária e ao mesmo tempo mediante a constatação da queda de seu índice, buscamos com esse trabalho conhecer o perfil dos eleitores que se identificam com um dos quatro grandes partidos brasileiros: Partido dos Trabalhadores (PT), Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e Democratas (DEM) - antigo PFL; e ainda as motivações para a identidade. Em síntese, a pergunta que nos move é: como, a despeito da taxa decrescente de eleitores partidários, ainda existem aqueles que se manifestam identidade com alguma legenda?

Para isso, seguiremos dois caminhos: após uma breve discussão teórica a respeito do conceito de identidade partidária e os seus altos e baixos no eleitorado, reproduziremos aqui algumas análises elaboradas a partir dos dados da pesquisa Estudos Eleitorais Brasileiros – ESEB, realizada em 2006 e já, anteriormente, apresentadas em artigo publicado na Revista Opinião Pública (VEIGA, 2007).

A seguir, o objetivo será expor as razões para a identidade partidária, tendo como base dados de pesquisa qualitativa realizada com eleitores partidários. O trabalho de campo da fase qualitativa foi realizado na cidade de Curitiba, em 2008, e abordou 34 participantes, que foram submetidos a entrevistas grupais e individuais. Entrevistas grupais foram realizadas apenas com eleitores petistas, por serem em maior número no mercado eleitoral. As demais entrevistas precisaram ser feitas individualmente, dado o restrito tamanho do universo, como é possível verificar na tabela 2.

Tabela 3 – Perfil dos 34 entrevistados (fase qualitativa)

Partidários	N de participantes
Democratas	06
PSDB	06
PMDB	06
PT (tradicionais)	10
PT (neopetistas)	06

1. A Identidade Partidária

A identidade partidária pode ser entendida como uma associação psicológica que as pessoas travam com um partido a partir de suas percepções, valores ou comportamentos (CAMPBELL et al., 1960). De acordo com os precursores da Escola de Michigan, a identidade partidária seria decorrente do processo de socialização política dos indivíduos, que resultaria em uma maior afinidade em relação a um partido ou a outro.

Para a corrente psicológica do comportamento político, quando um eleitor se identifica com um partido, ele passa a ver a política a partir da perspectiva partidária. Isso quer dizer que uma vez que o eleitor cria uma afinidade com um partido, ele tenderá a simpatizar mais com os líderes desse partido do que com os das demais legendas, tenderá a preferir as políticas propostas pelo partido a defendida pelos demais e diante de um assunto novo, a respeito do qual ainda não tem opinião formada, buscará se informar sobre a orientação do partido com o qual tem maior proximidade. Tais posturas levariam à estabilidade da identidade partidária.

Já para a corrente sociológica do voto, a identidade partidária é fruto de um processo de identificação de classe social ou de um segmento cultural com determinada legenda. Ela nasce do envolvimento e/ou da pressão do grupo social sobre o eleitor.

Fiorina (1981), afinado com Downs (1957) e seguidores da corrente da escolha racional, propõe que a identidade partidária é um facilitador para a tomada de decisão dos eleitores. A identidade é tida como um atalho para que as pessoas decidam sobre quais políticas e líderes devem apoiar ou não. No entanto, o autor discorda da idéia da identidade partidária como oriunda exclusivamente do processo de socialização política. Para Fiorina (1981), o eleitor, já em sua fase adulta, ao observar que um partido se comporta em conformidade com os seus interesses pode acabar se identificando com a legenda, sendo tal processo resultado de uma decisão racional e não simplesmente de uma decisão afetiva, como sugere a corrente psicológica.

No presente trabalho, o objetivo é verificar até que ponto, componentes das correntes: psicológicas, sociológicas e da teoria da racionalidade, explicam a atitude de identidade partidária.

2. Altos e baixos da Identidade Partidária.

Fiorina (2003), faz uma revisão dos altos e baixos da identidade partidária nos Estados Unidos e discute a situação atual. Para o autor, desde que Key (1964) organizou a discussão sobre partidos em três aspectos (partido e organização partidária, partido no governo e partido no eleitorado) até a década de 70, sem distinção de que aspecto do partido estava em questão, predominou a idéia de que a instituição de representação estava em declínio. Os três “D” tinham muita popularidade, os partidos estavam se deteriorando, se decompondo e desaparecendo.

As organizações partidárias que eram tidas como fortes até a década de 50 experimentavam agora um declínio da consistência e força. Tal fragilidade teria sido decorrente da perda de controle dos partidos tanto na distribuição de benefícios quanto no gerenciamento do acesso aos cargos eletivos. O crescimento do setor público e do *Welfare State* teria levado ao provimento de várias necessidades da população enquanto direito. Ademais, a adoção das consultas primárias diretas e outras progressivas reformas teriam quebrado o

monopólio do partido na indicação para cargos. A fragilidade encontrada no aspecto organizacional do partido também se fazia presente em seu desempenho no governo. Os estudos apontavam ainda uma ação pouco coesa dos partidos no Congresso. Na mesma linha, dados sobre a identidade partidária entre os eleitores indicavam um declínio entre os anos 60 e 70.

Já nos anos 80 e 90, os estudos começavam a mostrar que a tendência de enfraquecimento dos partidos havia sido reduzida ou mesmo revertida. Começava-se assim a hora dos “R”, os partidos estariam retornando, reativando, renascendo, ressuscitando, agora revigorados. Era a fase da renovação. Nesse momento, os partidos teriam resgatado parte de seu poder de influenciar o recrutamento da elite partidária nas organizações locais. A questão é que durante a administração de Carter, o Comitê Nacional Republicano teria se tornado muito mais ativo na captação de recursos e no recrutamento e formação de candidatos. O comitê nacional teria ainda investido seus recursos para revitalizar algumas organizações partidárias locais. O fortalecimento das legendas também passou a ser sentido no Congresso norte americano.

Já na década de 1980, surgia o paradoxo que até hoje pauta os estudos partidários: os partidos estariam fortes nas arenas organizativa e de governo e frágeis na arena eleitoral. Sabe-se que a identidade partidária nos anos 90 nos EUA não era a mesma dos anos 50 e 60, quando a taxa de IP variava entre 35 e 38 pontos, mas também não era como nos anos 70 (é de 1976 a taxa mais baixa de IP, 24%). Hoje é clara a percepção de que há uma estabilidade no índice de IP próxima dos 30% do eleitorado.

Aparentemente os últimos quarenta anos foram marcados por um ciclo de enfraquecimento e posterior fortalecimento das instituições partidárias. Fiorina problematiza essa visão ao argumentar que ela traz em si questões a respeito da conceituação de partidos. Para se obter a leitura mais otimista da instituição é preciso adotar um conceito mais maleável de partidos. Ele cita Aldrich (1995), para quem os partidos são instituições inventadas e reinventadas por candidatos e burocratas para resolverem seus problemas. Segundo esta visão os partidos estariam “a serviço” de seus candidatos. Desta forma, os partidos hoje

atenderiam as novas exigências das candidaturas com expertise para campanhas, suas tarefas estariam ligadas a: pesquisas, estratégias, marketing, mídia, levantamento de recursos; o que o coloca longe da leitura tradicional dos anos 50. Assim, embora o nome da instituição permaneça “partido”, suas estruturas e funções seriam muito distintas nos dois períodos, anos 50 e hoje. Em síntese, a partir de várias análises, Fiorina conclui que não há qualquer evidência de que o partido hoje, diante do eleitorado, seja tão forte como foi em 1950.

No Brasil também nota-se que a taxa atual de identidade partidária se difere e muito daquela encontrada nos anos 50 e 60. De acordo com Lavareda (1989), em 1964, a taxa de identidade partidária no Brasil chegava a 64% do eleitorado, bem acima dos índices do presente.

Maria D’Alva Kinzo (2007), busca avaliar em que medida os partidos brasileiros são entidades capazes de oferecer aos eleitores opções políticas distintas o suficiente para que construam suas identidades, criem lealdades e sirvam de atalho para o voto.

Para elaborar sua análise, Kinzo foca no grau de consolidação do sistema partidário, aposta que quanto mais duradouro for o padrão de competição partidária, maiores são as chances de que os eleitores construam imagens partidárias e criem lealdades.

Para mostrar a dificuldade de estabilização do sistema partidário, a autora apresenta o índice de volatilidade eleitoral, que aponta a diferença na distribuição de apoio eleitoral entre os partidos entre uma eleição e a seguinte. Estudos a respeito do índice de volatilidade eleitoral nas décadas de 80 e 90 aponta uma alta volatilidade, próxima de 30% do eleitorado, indicando um sistema partidário ainda instável.

A partir de pesquisas do Instituto Datafolha, Kinzo avalia as taxas de preferência partidária de 1989 a 2002. De acordo com os dados, houve uma estabilidade no número de eleitores com identidade partidária ao longo desse período. A cifra encontrada, neste caso, é de aproximadamente 42%. Nota-se ainda no período, uma transferência de taxa de preferência partidária do PT

para o PMDB. O primeiro partido contava com 15% da preferência partidária em 1989 e passou a contar com 9% em 2002. Por sua vez, o PT passou de 10% para 18% de eleitores com identidade com o partido.

A seguir, será possível verificar que essa tendência de estabilidade foi quebrada no período de 2002 a 2006, quando se percebe uma queda significativa no número de eleitores com identidade partidária.

3. A Identidade Partidária nas Eleições de 2002 e 2006.

Como mencionado anteriormente, os dados apresentados nessa parte já foram publicados em uma edição da Revista Opinião Pública (2007) e resultam da análise do banco de dados da Pesquisa Estudos Eleitorais Brasileiros – Eseb, realizada pelo Cesop/Unicamp e outras instituições. Nesse trabalho, para medir a identidade partidária foram utilizadas as questões: Algum partido político representa sua maneira de pensar? Se sim, qual partido melhor representa sua maneira de pensar?

Também de acordo com o mencionado anteriormente, o percentual de identidade partidária entre os eleitores brasileiros foi reduzido de 39% para 28%, ou seja, em 11 pontos entre 2002 e 2006. No conjunto dos quatro grandes partidos, a perda foi mais sentida no segmento de afinidade com o PT, com a redução de 23 para 18 pontos na taxa de identidade com a legenda.

A média de idade dos eleitores que se identificam com um dos quatro grandes partidos brasileiros foi reduzida, exceção para os números referentes à identificação partidária com o PT (ver tabela 4). A comparação entre os números dos dois pleitos aponta que os eleitores partidários do PMDB, PFL/DEM e PSDB são, em 2006, acentuadamente mais jovens do que em 2002. O perfil do partidário do PT manteve-se relativamente estável no que se refere à idade.

Tabela 4 – Idade e Identidade Partidária

	<i>Total</i>		<i>PT</i>		<i>PMDB</i>		<i>PFL/DEM</i>		<i>PSDB</i>	
	2002	2006	2002	2006	2002	2006	2002	2006	2002	2006
Média	40	39	37	38	44	39	42	31	40	35
Mediana	37	36	36	36	41	38	35	27	39	28

Teste de independência de médias: Sig 0,006 em 2002 e Sig 0,000 em 2006.

O percentual de educação formal cresceu entre os eleitores que se identificam com o PMDB e decaiu entre aqueles que se identificam com o PFL/DEM, o PSDB e, sobretudo, com o PT. Ou seja, o nível de escolaridade entre os eleitores com identidade partidária vem sendo reduzido, exceção apenas para a identidade partidária com o PMDB.

Tabela 5 - Escolaridade e Identidade Partidária

Tabela 3 - Escolaridade e Identidade Partidária								
Escolaridade								
	PT		PMDB		PFL/DEM		PSDB	
	2002	2006	2002	2006	2002	2006	2002	2006
Moda	2º.	Analfabeto /primário	Até 4 série	Ginásio	2º.	2º. Grau	Superior	2º. Grau
	Grau	incompleto		Incompleto	Grau	Incompleto		completo

Tabela 6 - Escolaridade e Identidade Partidária

<i>2002</i>			<i>2006</i>		
	%	%Acumulado		%	%Acumulado
PT Sem instrução	3	3	Analfabeto/Primário incompleto	24	24
Até 4ª. Série	19	22	Primário completo	16	40
De 5ª. A 8ª. Série	20	42	Ginásio incompleto	15	55
2º. Grau	41	83	Ginásio completo	10	65
Superior ou mais	17	100	2º. Grau incompleto	12	77
Total	100		2º. Grau Completo	17	95
			Universitário Incompleto	5	99
			Universitário completo ou mais	1	100
			Total	100	

Teste de independência (Teste do Chi-Square): Sig. 0,000 em 2002 e 2006.

O valor da renda familiar entre os eleitores que se identificam com o PMDB cresceu acentuadamente entre 2002 e 2006. No caso do PFL/DEM, a renda média dos eleitores que se identificam com a legenda sofreu pequena alteração. No entanto, a variação da mediana foi acentuada, apontando para uma distribuição de renda mais uniforme dentro do grupo no momento mais atual. O valor da renda manteve-se relativamente estável entre os eleitores que se identificam com o PSDB. Por fim, tem-se uma queda abrupta na média da renda familiar entre aqueles que se identificam com o PT.

Tabela 7– Média da Renda Familiar por Identidade Partidária (em reais)

		2002	2006
PT	Média	1.349,63	985,08
	Mediana	800,00	746,94
PMDB	Média	660,83	1.053,19
	Mediana	400,00	900,00
PFL/DEM	Média	969,26	946,47
	Mediana	500,00	1.060,56
PSDB	Média	1.867,08	1.788,12
	Mediana	1.200,00	1.233,46

Teste de independência de médias: Sig 0,000 em 2002 e Sig 0,005 em 2006. Os resultados dos testes apontam que há diferenças significativas no que se refere às médias de renda familiar e a distribuição da identidade partidária entre as diversas legendas. No entanto, não podemos afirmar se a diferença é significativa na distribuição entre todos ou apenas entre um partido e os demais.

Em relação às regiões do país, constata-se o enfraquecimento da identidade partidária dos eleitores com o PT no Sudeste e o seu fortalecimento junto ao Nordeste, Norte e Centro Oeste. Por sua vez, o índice de identidade dos eleitores com o PMDB caiu no Nordeste e cresceu no Sul do país. Movimento parecido foi percebido com o PSDB, que teve a taxa de identidade partidária reduzida entre os eleitores do Nordeste e Sudeste e crescente na região Sul.

Tabela 8 – Região em que mora por Identidade Partidária (%)

<i>Partido</i>	<i>Região</i>	<i>2002</i>	<i>2006</i>
PT	Nordeste	22	32
	Norte /Centro-Oeste	8	14
	Sudeste	58	42
	Sul	12	12
	Total	100	100
PMDB	Nordeste	31	13
	Norte /Centro-Oeste	12	17
	Sudeste	38	36
	Sul	19	34
	Total	100	100
PFL/DEM	Nordeste	46	94
	Norte /Centro-Oeste	9	0
	Sudeste	33	0
	Sul	12	6
	Total	100	100
PSDB	Nordeste	23	15
	Norte /Centro-Oeste	9	11
	Sudeste	61	52
	Sul	7	23
	Total	100	100

Teste de independência de médias: Sig 0,001 em 2002 e Sig 0,000 em 2006. Os resultados dos testes apontam que há diferenças significativas no que se refere à distribuição da identidade partidária entre as diversas legendas e as regiões. No entanto, não podemos afirmar se a diferença é significativa entre todos ou apenas entre um partido e os demais.

Em relação ao espectro ideológico, os eleitores que se identificam com o PT continuam se apresentando mais à esquerda, embora tenha havido uma “centralização” desse segmento de eleitores. O PT em 2006 representou um eleitorado mais de centro do que em 2002, na média.

A mudança mais brusca foi sentida na auto localização por parte dos eleitores que se identificam com o PFL/DEM. Em 2006, o perfil do eleitor que se identificava com o partido esteve fortemente associado à direita (média 8,5), diferentemente de 2002 (6,1). Outra mudança significativa se refere à identificação com o PMDB. Os eleitores que demonstravam identidade com o PMDB em 2002 eram consideravelmente mais conservadores do que em 2006.

Tabela 9 – Auto localização do eleitor na escala esquerda(0) e direita(10) e identidade partidária (por partido)

		2002	2006
PT	Média	4,7	5,5
	Mediana	5,0	5,0
	Desvio padrão	3,6	3,4
PMDB	Média	8,3	6,3
	Mediana	10,0	5,0
	Desvio Padrão	2,7	2,3
PFL/DEM	Média	6,1	8,5
	Mediana	8,0	10,0
	Desvio Padrão	3,9	3,4
PSDB	Média	6,5	5,7
	Mediana	8,0	6,0
	Desvio Padrão	3,3	3,4

4. Imagem dos partidos pelos eleitores com identidade partidária.

Nesta seção a análise recairá sobre dados levantados a partir de pesquisa qualitativa. Como já foi mencionado anteriormente, foram realizadas entrevistas qualitativas individuais e grupais com os eleitores com identidade partidária (ver tabela 3). O mesmo roteiro foi utilizado em todas as entrevistas. Quanto ao perfil dos entrevistados, verifica-se o predomínio do segundo grau completo. Apenas no caso do PT o universo foi ampliado abarcando tanto eleitores com escolaridade igual ou superior ao segundo grau completo, quanto aqueles com baixa escolaridade. Isso porque a moda da variável escolaridade para eleitores com identidade com o partido era de escolaridade baixa, tal como foi visto acima.

O trabalho de campo foi realizado em Curitiba/PR. A partir do quadro da distribuição dos eleitores com identidade partidária por região (tabela 8), é possível perceber que o Sul do país traz algumas particularidades como, por exemplo, a fragilidade do Partido dos Trabalhadores. No entanto, nota-se que os curitibanos têm ou já tiveram num passado recente contato próximo com cada um dos quatro partidos. Especificamente sobre a capital paranaense, se faz necessário lembrar que ela esteve por 16 anos sob a gestão do grupo de Jaime

Lerner, que já foi PDT, mas há mais de dez anos encontra-se no PFL/DEM. Nos últimos quatro anos Curitiba esteve sob a gestão tucana liderada pelo prefeito Beto Richa. No entanto, o governador do estado é Roberto Requião, figura importante do PMDB local e nacional. O Presidente Lula é do PT e o estado tem um senador e outros parlamentares do partido.

A seguir, o objetivo é analisar os motivos para a identificação partidária, interessa-nos constatar até que ponto as explicações sociológica, psicológica e da teoria da racionalidade se aplicam aos motivos para a identidade. A análise será estruturada por partidos.

4.1 Os motivos para a identificação partidária com o PT

Ao analisarmos a identidade partidária do eleitor com o PT, optamos por dividir a amostra em dois tipos. O primeiro grupo foi composto por eleitores que sempre se identificaram com o PT e que têm escolaridade a partir do ensino médio completo. Essa parcela corresponde ao que chamamos de petista tradicional. A segunda parte da amostra foi composta por eleitores identificados com o PT, que votaram pela primeira vez no partido em 2006 e com baixa escolaridade. Esse seria o neopetista.

Após a análise, verificamos que a identidade com o partido pode ser justificada pelos argumentos das correntes:

a) Sociológica: Surge da percepção que o partido representa os interesses da classe trabalhadora e de baixa renda, mais que qualquer outro. Tem-se a identificação da defesa de interesses de um segmento social muito bem definido. Essa percepção está presente em ambos os segmentos de petistas.

“Eu me identifico com o PT desde o colegial, quando eu percebi que a luta era pela classe trabalhadora.”

“É um partido que luta pelos pobres, e defende os nossos interesses.”

“O PT é do povo e luta para melhorar a vida de quem é pobre.”

“Pra tentar mudar a situação do país, tem que votar nos trabalhadores.”

“O PT é um partido que cuida dos mais pobres, faz políticas voltadas para o povão, tem a bolsa família, tem propostas para melhorar a saúde e o transporte.”

“O PT é um partido que pensa nos menos favorecidos, faz coisas para quem realmente precisa. Olha por nós.”

“Que partido deixaria um homem sem escola e pobre se tornar candidato e se tornar presidente?”

b) Psicológica: Os eleitores tradicionais do PT demonstram apego aos valores de esquerda como: participação popular, igualdade social e intervenção do estado na economia. Já os eleitores recém-identificados com o PT demonstram grande afinidade com a figura e a trajetória do Presidente Lula.

“O PT tem sua história junto com os movimentos sociais, veio de baixo para cima. Ele tem mais vínculo com o povo.”

“O PT tem um presidente que sabe lidar com o povo. É um homem honrado, que veio do nada e chegou à presidência.”

“Eu votei no Lula por ele ser como a gente. Porque ele é do PT. Era pobre como a gente e venceu por ser honesto.”

“O presidente do PT não teve educação que nem os outros presidentes, mas é o que mais fez pelos que mais precisam, porque sabe o que é ser desempregado, sabe o que é passar fome. Os outros são tudo um bando de riquinho.”

b) Racional: Percebe-se a satisfação com o governo Lula e com as melhorias que seu governo vem promovendo para o Brasil e para suas vidas.

“Nunca um governo olhou tanto para a sociedade, as políticas sociais são uma marca desse governo.”

“Com o governo Lula as coisas estão melhores. Hoje eu posso estudar, comprar livros. O governo do PT está pagando 100 reais para quem precisa estudar, para quem precisa terminar os estudos.”

“Hoje podemos comer melhor e governo nos dá a oportunidade de estudar. Tem bolsa família, vale gás e bolsa escola.”

“Tem muitas coisas boas: o Bolsa-Família, leite das crianças, inclusive estou desempregada e recebo o Bolsa família e o leite para os meus filhos.”

4.2 Os motivos para a identificação partidária com o PMDB

O PMDB é o segundo partido que mais desperta a identidade partidária nos eleitores brasileiros e conta com grande simpatia nos estados do Sul do país. Os motivos para a identidade partidária com o PMDB podem ser assim expressos:

a) Históricos e psicológicos: Eleitores justificaram sua identidade pelo partido como decorrência de sua socialização política. São pessoas que nasceram e foram criadas em famílias que já se identificavam com o MDB ainda do tempo da ditadura.

Ou seja, nesse caso, tem-se o efeito da durabilidade/estabilidade do partido, o PMDB é o partido com o maior tempo de existência legal no Brasil, tendo nascido e se desenvolvido durante o regime militar, ainda como Movimento Democrático Brasileiro. Com a reforma partidária de 1979, deputados deixaram o partido para fundar outras legendas, a saber: PT, PDT e PTB, mas ainda assim ele sobreviveu.

Ademais, na década de 1970 apresentou-se como um partido oposicionista e em defesa dos interesses dos mais pobres. Pesquisas elaboradas por Lamounier e Trindade em Reis (1978) mostram a proximidade entre o partido e a classe trabalhadora urbana naqueles anos.

Vejamos alguns argumentos utilizados pelos eleitores afinados com o PMDB:

“Gosto do PMDB, desde a infância, mas depois de adulta também procurei me informar sobre os princípios. Meus pais eram MDB.”

“O fato de me identificar com o PMDB já vem de família, pelas raízes, pela estabilidade e ideologia rígida. O partido não fica mudando de lado toda hora.”

“Me identifico desde a época da ditadura, por ser o único partido de oposição.”

Os eleitores identificados com o PMDB se dizem mais nacionalistas, por defenderem a intervenção do Estado na economia a fim de proteger os interesses do país.

Desta forma, temos um eleitorado com valores de esquerda – intervenção do estado na economia e igualdade – identificado com a legenda. Cabe ressaltar que a proeminência de tais argumentos está, parcialmente, relacionada com as bandeiras defendidas pelo Governador do Estado do Paraná - Roberto Requião. Requião e seu grupo político travaram batalhas no estado contra a privatização de empresas como a Copel (do setor de energia elétrica) e o porto de Paranaguá. O Governador também liderou a batalha contra o uso de grãos transgênicos na agricultura paranaense.

b) Sociológicos: Os eleitores apostam ainda que o partido, como no passado, defende mais os interesses da população mais pobre. Historicamente o partido teria sido assim.

No que se refere ao apego à igualdade, tem-se a lembrança da legenda nos anos 70, como sendo o “partido dos pobres”, como já foi mencionado acima. Cabe ressaltar, no entanto, que a proximidade com o governo Lula atualizou e fortaleceu tal percepção do partido.

“Porque gosto do partido. É um partido que defende questões importantes do povo. Defendem questões importantes, como por exemplo, o impedimento dos transgênicos. Tem uma boa administração pública e cuida do dinheiro público.”

“Defende os interesses do povo. Diferente do PSDB que quis entregar o Brasil. Falta patriotismo para esse partido. Privatizaram quase tudo.”

“Porque vai de encontro com o que considero mais próximo de uma forma de governo, mais voltada ao nacionalismo.”

“Desde o momento em que as políticas de Estado começaram a se voltar para um enfraquecimento interno e uma relativização da soberania nacional e o PMDB se apresentou com um discurso mais nacionalista.”

“Demonstra certo raciocínio ideológico nacional.”

“Acredito ser um partido voltado ao povo, com políticas firmes e bem codificadas.”

“É um partido que hoje melhor representa aos anseios da população.”

“Voto desde que o partido começou a identificar-se com as políticas públicas do governo Lula, voltadas a promoverem a igualdade social.”

“Investe em políticas públicas voltadas as classes menos favorecidas.”

c) Cálculo Racional: Satisfacionista. Existem aqueles eleitores que se identificam com o PMDB, em decorrência da satisfação com o trabalho do governo do estado, liderado por Roberto Requião.

“O PMDB sempre faz um ótimo governo, no Paraná está fazendo muito pela população, como por exemplo, construção de estradas, combate aos transgênicos, combate a exploração de pedágios, resgate de órgãos públicos e financiamento agrícola.”

“Os governos Requião são muito bons, eles têm políticas para os menos favorecidos, têm políticas para a capital (segurança), têm política para o

interior (agricultura) e cuidam dos interesses de todos nós paranaense com pulso firme.”

O PMDB tem como uma de suas características mais forte a atenção voltada para os estados, onde costuma ter estrutura e lideranças próprias. Existem: o PMDB do Paraná, liderado pelo governador Roberto Requião; o PMDB de São Paulo, liderado pelo ex-governador Orestes Quécia; o PMDB de Pernambuco, liderado pelo governador Jarbas Vasconcelos; o da Bahia, com Geddel Vieira Lima e assim por diante. Dentre os motivos apresentados acima, acreditamos – e essa é apenas uma suposição dado o escopo metodológico dessa pesquisa – que os aspectos ideológicos e sociológicos sejam perfeitamente aplicáveis para explicar a identidade com o PMDB em todo o país. Já os satisfacionistas provavelmente podem elucidar a identidade com o partido, dependendo do desempenho de seus líderes estaduais.

4.3 Os motivos para a identificação partidária com o PSDB

As razões para a identidade com o PSDB passam pelos aspectos sociológicos, psicológicos e racionais.

a) Sociológico: Os eleitores que se identificam com o PSDB o vêem como a antítese do PT. O PT é tido como o partido que representa os interesses dos eleitores de baixa renda, exclusivamente, enquanto o PSDB seria o representante também da classe média, com a qual eles se identificam. Desta forma, há o componente sociológico, na medida em que percebem que a legenda tucana como representante de um segmento social ao qual pertencem.

“É um partido com pessoas que pensam mais em todos os segmentos da população e não só nos pobres.”

b) Ideológicos (psicológicos): Os eleitores que se identificam com o PSDB não adotam o discurso mais liberal, citado pelos eleitores identificados com o PFL/DEM. Não se utilizam também do apego às políticas sociais como medidas

compensatórias das desigualdades. Pelo contrário, eles demonstram grande apego à meritocracia, essa sim tida como um valor. A propósito, a admiração pelo partido passa pelo reconhecimento da qualificação de seus quadros, que comparados com os quadros do governo Lula estariam – a seu ver – em franca vantagem. Nesse aspecto, os eleitores identificados com o PSDB fazem lembrar os udenistas que, conforme Gláucio Ari Soares (2001) apontou, também possuíam um argumento moralista/cívico e de meritocracia.

Vejamos os argumentos dos eleitores:

“Mas tinha competência intelectual, diferentemente do governo do PT. O governo de FHC tinha planejamento e competência nos quadros gerenciais, técnicos. E respeitabilidade externa, também. Hoje, o nível de empreguismo partidário é bem maior do que na época do PSDB.”

“No governo do PSDB, não tinha grandes falcatruas, assistencialismo eleitoral e empreguismo partidário em detrimento do técnico. Hoje a gente vê uma proliferação dos “aspones” (gíria, que significa: assessor de coisa nenhuma) em todas as empresas públicas, excesso de viagens cosméticas, apoio a mandatários sul-americanos populistas; com o PSDB, não havia isso.”

“É um partido de pessoas estudadas. É um partido que promete e faz.”

“São capazes, sabem o que é política. Os membros são inteligentes. Tem projetos sociais mais amplos.”

c) Cálculo Racional. A satisfação com o governo Fernando Henrique – particularmente com o Plano Real e o controle da inflação - e a insatisfação com o governo Lula – especificamente no que se refere aos escândalos de corrupção - servem para reforçar a noção de identidade partidária nesse segmento.

“Com o Fernando Henrique, o PSDB resgatou a estabilidade monetária e eliminou a inflação. Tiveram erros e acertos. Criou bons programas

sociais, mais abrangentes, mas por outro lado realizou privatizações questionáveis.”

“O governo do PSDB com FHC governou para todos, muito inteligente, estabilizou o Brasil. Antes dele (FHC) tínhamos uma inflação elevadíssima que afundava o país, aí ele conseguiu colocar as coisas nos eixos.”

Por fim, fica evidente que os motivos para a identidade partidária têm caráter mais geral do que local.

4.4 Os motivos para a identificação partidária com o PFL/DEM

A origem dos Democratas acontece no mesmo momento histórico do PMDB, ou seja, no momento da instauração do bipartidarismo, em substituição ao multipartidarismo de 1945 a 1964, em função do Regime Militar. Surgiram então a Arena, Aliança Renovadora Nacional, como base de sustentação ao regime e o oposicionista MDB, como já foi mencionado. De lá para cá, o partido mudou de nome algumas vezes. Passou a se chamar PDS (Partido Democrático Social); a seguir, PPR (Partido Progressista Reformador); depois, PFL (Partido da Frente Liberal) e, agora, Democratas. De acordo com Kinzo (1996, p.39), “ao contrário dos emedebistas, que trataram de assegurar a continuidade do partido conservando seu nome, os arenistas trataram de se desfazer de sua sigla impopular”.

Em 1979, com a reforma partidária, parte da Arena cria o PDS e um outro segmento se associa ao Partido Popular, fundado por Tancredo Neves e Magalhães Pinto, que por constrangimento legal terminou por se associar ao PMDB. Já em 1984, nova ruptura e nova mudança de nomes. O motivo da divisão era então a vitória de Paulo Maluf na Convenção que indicava o candidato à Presidência da República. Um grupo dissidente, que apoiava a candidatura de Tancredo Neves para a Presidência em 1985, fundou o Partido da Frente Liberal (PFL). Em 2007, o PFL transformou-se em Democratas (DEM).

De sua origem até 2002, o partido apenas experimentou o governismo. Por contar com grandes bancadas na Câmara dos Deputados e no Senado, sempre se posicionou como partido coadjuvante, dando base de apoio para o Presidente. Em contrapartida, recebia ministérios (com “porteiros fechados”) e recursos, trocas indispensáveis para o seu sucesso eleitoral, particularmente no Nordeste.

Toda essa história cujas raízes ligam o Democratas: à ditadura (quando exerceu o papel de base de sustentação para o regime), ao governismo e à troca de benesses para sustentar a política clientelista, não aparece no discurso dos eleitores que manifestam identidade partidária com o PFL/DEM. Eles incorporam a retórica usada pelo PFL/DEM ainda na década de 90 e que permanece nos dias atuais: um partido moderno, de soluções técnicas para as questões urbanas, que prega a diminuição do papel do Estado na economia e a redução de impostos.

A percepção é fruto de uma estratégia partidária adotada em meados da década de 90, em que a legenda, contando com um grupo de políticos bem avaliados em suas gestões, buscou estabelecer uma nova imagem de eficiência administrativa e modernidade. Entre eles estavam: Jaime Lerner (PR), César Maia (RJ) e Imbassay (BA).

Enquanto Prefeito de Curitiba Jaime Lerner promoveu a cidade com seus projetos de planejamento e urbanismo e enquanto Governador do Estado empenhou-se na privatização de estatais paranaenses. A partir de tais marcas, os eleitores justificam a sua identidade partidária:

a) Sociológico: Para os eleitores que se identificam com o partido, o PFL/DEM é uma legenda mais voltada para os interesses da elite – particularmente, da elite empresarial. Portanto, embora apontem para tal ligação da representação de interesses, não se trata de se identificarem como essa nata social, mas acreditam que o Brasil pode se beneficiar com os seus ideais.

“É um partido voltado para a área empresarial, mas eles têm uma boa ideologia de liberalismo.”

“Eu acho que o DEM tem boas propostas que, a longo prazo, ajudariam muito o desenvolvimento do país.”

b) Ideológico: Os eleitores que se identificam com os Democratas valorizam a liberdade acima da igualdade; assim como demonstram apego ao incremento da iniciativa privada. No entanto, não prescindem da idéia de Estado garantindo os direitos mínimos do cidadão, por considerarem que ainda convivemos com uma realidade de muitas injustiças sociais. Adotam assim um comportamento próximo daquele descrito por Singer (2000) a respeito da direita brasileira.

Vamos observar as palavras dos eleitores:

“Eu gosto muito de algumas idéias do PFL, agora DEM, aquela coisa da democracia e direitos iguais para todos, e, principalmente, de liberdade de ação. Mas é aquilo, tem também que ter interferência do Estado, pois a desigualdade é muito grande. Na verdade, os partidos só têm ideologias “fixas” na teoria, porque na prática todos fazem mais ou menos a mesma coisa.”

“Acabei conhecendo políticos do antigo PFL e acabei me identificando com as idéias democráticas do partido e voto no partido até hoje.”

“Concordo ideologicamente com partido, ainda que eu não saiba explicar com palavras, mas sei que me identifico com o DEM, antigo PFL. Quando Jaime Lerner era do antigo PFL, o partido era mais forte no Paraná, as pessoas conheciam mais, só que hoje ele enfraqueceu, aí é mais difícil de dizer o porque que a gente se identifica.”

c) Cálculo Racional: Satisfacionista. O desempenho do Governador Lerner também é um dos motivos para a identificação com o partido.

“É um partido bem intencionado porque o Taniguchi fez uma ótima administração, considero que conduziu muito bem a cidade de Curitiba.”

“Assim como Jaime Lerner, que fez de Curitiba uma cidade conhecida, pela sua qualidade vida, no Brasil e no estrangeiro.”

“O DEM hoje é o real representante da oposição. Mas a exemplo do PSDB, também precisa aumentar os cargos executivos, porque só assim o partido melhora, mostrando o que sabe fazer no executivo.”

“Por ter sido um partido que sempre esteve na situação, quando passou a fazer oposição conseguiu se manter. E mesmo sendo oposição está desenvolvendo um bom trabalho.”

Considerações Finais

O objetivo dessa comunicação foi avaliar o perfil dos eleitores que se identificam com um dos quatro grandes partidos brasileiros: PT, PMDB, PSDB e PFL/DEM; e as razões para tal atitude. A partir do banco de dados da pesquisa quantitativa com amostra nacional realizada pelo projeto Estudos Eleitorais Brasileiros foi analisado o perfil dos eleitores com identidade partidária. Através de pesquisa qualitativa – com 34 entrevistas, tanto em grupo (no caso dos eleitores petistas) quanto individual (no caso dos demais eleitores) – foram analisadas as razões para a identificação partidária. Nesse caso, o trabalho de campo foi realizado em Curitiba/PR.

O resultado da pesquisa aponta que houve uma redução no número de eleitores com identidade partidária com algum dos quatro grandes partidos. A maior perda na taxa de identificação partidária foi sentida pelo PT. Nenhum dos três outros grandes partidos se beneficiou diretamente com a perda petista. Nota-se que a queda de 11 pontos - em apenas quatro anos - reduziu a taxa da identidade partidária abaixo da média no Brasil, ao longo do tempo, e nos EUA.

Ao analisarmos o perfil dos eleitores com identidade partidária percebem-se mudanças. Os eleitores com identidade partidária em 2006 possuem menos escolaridade e renda do que há quatro anos. Acredita-se que tais mudanças são decorrentes da inserção dos neopetistas no segmento dos eleitores partidários.

No que se refere aos aspectos que subsidiam a identidade partidária, existem componentes sociológicos (identificação de representação de

segmentos sociais), psicológico (adesão a valores, ideologia ou liderança partidária) e racional (satisfação com governos).

Quadro 1– Síntese das razões para a identidade partidária

Correntes explicativas	PT	PMDB	PSDB	DEM
Sociológica (identificação de representação segmentos sociais)	Sim	Sim	Sim	Não
Psicológica (adesão a valores e/ou líderes)	Sim	Sim	Sim	Sim
Racional (satisfação/ insatisfação com governos)	Sim	Sim	Sim	Sim

Mas ao final do trabalho, tem-se a dúvida: Quais dessas teorias mais explicam a identidade partidária? A resposta está novamente no estudo quantitativo, já que a mensuração não é possível na qualitativa. Os resultados das análises de correspondência desenvolvidas para averiguar o efeito de duas das três teorias – psicológica e racional – apontam para a supremacia dessa última. A análise de correspondência para verificar a relação entre a auto-localização ideológica e a identificação partidária entre os eleitores aponta que a correspondência entre auto-localização ideológica e identificação partidária ocorreu apenas em 2002 (Sig.0,000). Em 2006, não foi possível identificar correspondência entre as categorias (Sig 0,214). Ou seja, a identificação com o PT perpassou as diferentes clivagens ideológicas do eleitorado. Já quando foi aplicada a análise de correspondência para averiguar a relação entre satisfação com o governo vigente – com o governo FHC em 2002 e com o governo Lula em 2006 - foi possível identificar a correspondência (Sig 0,000). Em 2006, ficou evidente a relação entre eleitores insatisfeitos com o governo Lula e sua identidade com o PSDB e eleitores satisfeitos com o governo Lula e sua identidade com o PT.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARREIRÃO E KINZO. (2004). Partidos políticos, preferência partidária e decisão eleitoral no Brasil (1989/2002). *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol.47, n1, pp. 131 a 168.

CAMPBELL, Angus et al. (1960). *The American Voter*. New York: Wiley.

DALTON, Russel. (2002). The decline of party identifications. In: DALTON, Russell e WALLTENBERG, Martin. (2002). *Parties without partisans: political change in advanced industrial democracies*. Oxford University Press.

DALTON, Russell e WALLTENBERG, Martin. (2002). *Parties without partisans: political change in advanced industrial democracies*. Oxford University Press.

DOWNS, Anthony. (1957). *An economic theory of democracy*. New York: Harper Row Publishers.

FIORINA, Morris. (1981). *Retrospective voting in American national elections*. New Haven. Yale University Press.

_____. (2003). Parties and Partisanship: a forty years retrospective. In: *Political Behavior*.

KEY, Valdimer Orlando. (1964). *Politics, Parties and Pressure Groups*. NY: Crowell.

KINZO, Maria D'Alva. (1993). *Radiografia do quadro partidário brasileiro*. São Paulo: Konrad Adenauer Stiftung.

_____. (2007). Os partidos no eleitorado: percepções políticas e laços partidários. In: KINZO, Maria D'Alva e BRAGA, Maria do Socorro (orgs) *Eleitores e representação partidária no Brasil*. São Paulo: Humanitas.

LAMOUNIER, Bolívar. (1978). Presidente Prudente: O Crescimento da Oposição num Reduto Arenista. In REIS, Fábio Wanderley et alli (org.), Os partidos e o regime: a lógica do processo eleitoral brasileiro. São Paulo, Símbolo.

NICOLAU, Jairo e PEIXOTO, Vitor. (2007). *Uma disputa em três tempos: uma análise das bases municipais das eleições presidenciais de 2006*. Anais do 31º Encontro da Anpocs, Caxambu-MG.

REIS, Fábio Wanderley. (1978). Classe Social e Opção Partidária: As Eleições de 1976 em Juiz de Fora. In. REIS, Fábio Wanderley et alli (org.), Os partidos e o regime: a lógica do processo eleitoral brasileiro. São Paulo, Símbolo.

SILVA, Carlos Alberto. (2003). *A lógica da análise de correspondência*. <http://evunix.uevora.pt/~casilva/txt/cs_cor.html>.

SINGER, André. (2000), Esquerda e direita no eleitorado brasileiro. São Paulo, Edusp/Fapesp.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. (2001) A democracia interrompida. Rio de Janeiro: FGV.

TRINDADE, Hégio & CEW, Judson (1978). Confrontação Política e Decisão Eleitoral: as eleições municipais de 1976 em Caxias do Sul. In. REIS, Fábio Wanderley. (org.), Os partidos e o regime: a lógica do processo eleitoral brasileiro. São Paulo, Símbolo.

VEIGA, Luciana F. Os partidos brasileiros na perspectiva dos eleitores: mudanças e continuidades na identificação partidária a e na avaliação das principais legendas após 2002. *Revista Opinião Pública*, Campinas, vol. 13, n.2, novembro de 2007, pp. 340-365.